**JESUS E A LEI (NÓMOS)**

Pr. Albino Marks

Ellen G. White fez uma declaração muito significativa sobre a vida pré-determinada de Jesus: *“Cristo, na Sua vida sobre a terra, não fez planos para Si mesmo. Aceitou os planos de Deus a Seu respeito, e dia após dia lhos fazia conhecer”* (CBV, p. 428).

Jesus falando da missão de Sua vida pré-determinada, declarou: *“não pensem que vim revogar a Lei (nómon) ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir”* (Mt 5:17, NAA).

Desde o Seu nascimento até a Sua morte e ascensão, a vida de Jesus seguiu o caminho predito pelos profetas e tipificado pelos serviços do santuário.

Ele nasceu como predito, fruto de uma concepção virginal: *“Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor dissera pelo profeta: A virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e lhe chamarão Emanuel, que significa ‘Deus conosco’”* (Mt 1 22, NVI).

Foi apresentado ao Senhor como o primogênito e circuncidado seguindo a determinação da lei das cerimônias: *“Completando-se os oito dias para a circuncisão do menino. [...] de acordo com a Lei (nómon) de Moisés, José e Maria o levaram a Jerusalém para apresentá-lo ao Senhor (como está escrito na Lei (nómu) do Senhor: ‘Todo primogênito do sexo masculino será consagrado ao Senhor’.) [...] Depois de terem feito tudo o que era exigido pela lei (nómon) do Senhor, voltaram para a sua própria cidade”* (Lc 2:21-23 e 39, NVI).

O evangelista Lucas usa a palavra “nómon”, para dizer que segundo determinava esta lei, Jesus foi circuncidado. A circuncisão era um rito ordenado e orientado pela lei cerimonial. Portanto, no oitavo dia de Sua vida, Jesus cumpriu a ordenança desta lei cerimonial.

O batismo de Jesus ou a Sua unção para o cumprimento da Sua missão como o Salvador, foi predito pelo profeta Daniel para o final do período das setenta semanas. João Batista questionou Jesus, mas Ele respondeu: *“Convém que assim façamos, para cumprir toda a justiça”* (Mt 4:15, NVI).

No serviço típico do santuário, o pecador, para obter o perdão e ser declarado justo, recorria ao sacrifício de inocente animal acompanhado dos ritos cerimoniais. Todo este ritual era executado com inteira fé na graça de Deus. O animal que morria em favor do pecador, tipificava Cristo. O perdão era obtido não pela fé no animal, mas pela fé em Quem ele tipificava. Todo o processo fundamentava-se na graça tipificada, apontando para o verdadeiro e real sacrifício da graça – Jesus. Cumprido o ritual, o suplicante retornava para casa, jubiloso, sentindo-se reconciliado com Deus, o Pai, de quem se separara pela transgressão da lei moral.

O que aconteceu com o serviço espiritual israelita é que as lideranças encontraram nele uma lucrativa fonte monetária. Buscando a riqueza material, desvirtuaram o sistema e perderam de vista as riquezas espirituais, desprezando a Pérola de grande preço. O perdão e a justificação eram oferecidos mediante os sacrifícios de animais, sem a fé no verdadeiro centro – Cristo, o Cordeiro de Deus.

Este fato está muito evidente nas duas vezes em que Jesus expulsou os mercadores espirituais do templo. A primeira, no início do Seu ministério e a segunda, nos últimos dias. O ato de Jesus estava ligado aos animais típicos, vendidos por preços extorsivos, com o ensino de que por meio desses sacrifícios obtinham o perdão e a justificação de seus pecados contra a lei moral. Obliteravam, no entanto, o profundo significado típico desses animais, não ensinando a fé no verdadeiro sacrifício pelos pecados na morte expiatória de Cristo. Consequentemente, quando Jesus veio, não foi reconhecido como o Cordeiro de Deus.

A visão espiritual do escolhido povo de Deus, estava completamente obscurecida, e não percebia e nem compreendia as grandes verdades ensinadas pelo cerimonialismo. O formalismo religioso vedara-lhe os olhos da fé. *“Veio para o que era Seu, e os seus não O receberam”* (Jo 1:11, NAA). Não houvera isso acontecido e a vinda do Messias teria sido recebida e aclamada na mais indescritível explosão de alegria.

A purificação do templo aconteceu em cumprimento da profecia de Isaias e representou a condenação da salvação por meio de rituais sem Cristo e a proclamação da salvação pela fé na graça de Cristo: *“E os ensinava, dizendo: ‘Não está escrito: ‘A minha casa será chamada casa de oração para todos os povos?’ Mas vocês fizeram dela um covil de ladrões’*” (Mc 11:17, NVI).

**O clímax do cumprimento da lei ‘nómos’ e dos profetas.** O grande conflito cósmico espiritual estava chegando ao seu clímax. A batalha decisiva estava para ser travada. Nestas cenas finais da vida de Jesus em Sua missão como Salvador, uma ideia é impressionante: somente Ele sabia o que tudo aquilo significava. Outra ideia é igualmente impressionante: multidões se aglomerando em torno dEle e, aclamando-O como o rei de Jerusalém, desconhecendo que ali em sua presença estava o Rei do Universo. Multidões opressas pela tirania humana, aclamando a grande esperança de sua libertação, quando apenas um, o centro de todas as aclamações, sabia que a batalha que O aguardava e para a qual viera ao mundo era a batalha decisiva do conflito cósmico espiritual. O Príncipe do Céu e o príncipe deste mundo estavam se preparando para este momento dramático e nenhum ser humano conseguiu tomar consciência sobre este fato.

No entanto, Jesus mesmo falara várias vezes para os discípulos de Sua verdadeira missão: *“Mas tenho que passar por um batismo, e como estou angustiado até que ele se realize”* (Lc 12:50, NVI).

Também advertiu as lideranças espirituais e as multidões pelo total desconhecimento da luz profética: *“Hipócritas! Vocês sabem interpretar o aspecto da terra e do céu. Como não sabem interpretar o tempo presente?”* (Lc 12:56, NVI).

Pouco antes de sair do cenáculo para o Getsêmani, onde iniciaria a batalha deisiva do grande conflito cósmico espiritual, mais uma vez advertiu os discípulos sobre o cumprimento dos acontecimentos em Sua missão: *“Está escrito: ‘E ele foi contado com os transgressores’, e eu lhes digo que isso precisa cumprir-se em mim. Sim, o que está escrito a meu respeito está para se cumprir”* (Lc 22:37, NVI).

O conflito cósmico entre Cristo e Satanás, é o conflito de conceitos certos contra errados; verdade contra engano; equidade contra iniquidade; harmonia com Deus contra desarmonia com Deus. Portanto, o conflito é travado por confrontação de ideias, na mente.

A partir do Getsêmani, Jesus enfrentou sozinho as batalhas decisivas deste conflito como predito pelos profetas: *“Eu pisei sozinho no lagar, e ninguém do meu povo estava comigo”* (Is 63:3,PIBR).

Sentindo a cruel dramaticidade do conflito, pediu para os discípulos: *“Fiquem aqui e vigiem comigo”* (Mt 26:38, NVI). Porém, os discípulos dormiram e Ele ficou sozinho nesta luta mental espiritual. *“De novo sentira Ele o anseio da companhia, de algumas palavras dos discípulos, que trouxessem alívio e quebrassem o encanto das trevas que quase O venciam. [...] Sua angústia mental, não a podiam compreender. ‘O Seu parecer estava tão desfigurado, mais do que o dos outros filhos dos homens’. [...] Não orava agora pelos discípulos, para que a fé deles não desfalecesse, mas por Sua própria alma assediada de tentação e angústia. O tremendo momento chegara – aquele momento que decidiria o destino do mundo. Na balança oscilava a sorte da humanidade. Cristo ainda podia, mesmo então, recusar beber o cálice reservado ao homem culpado”* (DTN, p. 690).

Podia recusar beber o cálice, porém, a sentença de condenação eterna cairia sobre o homem culpado; a missão e o propósito de Sua vinda seriam proclamados vencidos e falidos pelas hostes do reino das trevas; Satanás seria justificado em Sua afrontosa acusação contra Deus, e o pecado e o mal seriam perpetuados. Somente o cumprimento pleno da missão tipificada na lei do santuário e predita pelos profetas satisfaria a justiça de Deus para salvar o homem pecador.

Esta a razão porque o conflito se tornou tão terrível, medonho para Cristo, arrancando de Seus lábios a súplica: *“Meu Pai se for possível, afasta de mim, este cálice; contudo, não seja como eu quero, mas sim como tu queres”* (Mt 26:39, NVI).

Para cumprir a missão e o propósito da Sua vinda, tudo o que a lei e os profetas determinaram não podia ser revogado, mas teria de ser cumprido. O cálice do Calvário não pôde ser afastado, porque estava tipificado na lei do cordeiro substituto do santuário e predito pelos profetas.

*“O Getsêmani representa dois fatos fundamentais: primeiro, uma tentativa violenta de Satanás de desviar Jesus de Sua missão e propósito; e, em segundo lugar, o mais nobre exemplo de confiança na força de Deus para que a Sua vontade e propósito fossem realizados. [...] Todas as hostes de Satanás estavam arregimentadas contra Jesus”* (Lição da Escola Sabatina, Abril-Junho, 2015, Professor, p. 160).

Entre os homens, o Filho do Homem era o único observando e compreendendo toda a movimentação de seres humanos visíveis, de poderosos anjos celestiais e furiosas hostes das trevas, invisíveis se concentrando no campo de batalha para a luta espiritual sem precedentes. Todo o cenário de guerra estava montado em Jerusalém. *“Eu pisei sozinho no lagar, e ninguém do meu povo estava comigo”* (Is 63:3,PIBR).

Pela inspiração é comunicada a ideia de que nem mesmo os anjos entendiam os comoventes momentos que precisavam acontecer para cumprir a lei e os profetas: *“Não havia alegria no Céu. Os anjos lançaram de si as suas coroas e harpas, e com o mais profundo interesse observavam silenciosamente a Jesus. Desejavam cercar o Filho de Deus, mas o anjo comandante não lhes permitiu, para que não acontecesse, ao contemplarem eles Sua traição, que O livrassem; pois o plano tinha sido formulado e deveria cumprir-se”* (HR, p. 210).

Quando Pedro sacou a sua espada e golpeou o servo do sumo sacerdote, e Jesus ordenou que guardasse a espada, declarando: *“Você acha que eu não posso pedir a meu Pai, e ele não colocaria imediatamente à minha disposição mais de doze legiões de anjos?”* (Mt 26:53, NVI).

Comentando este acontecimento da hora de Sua prisão, Ellen G. White declarou: *“Vi que, ao serem faladas estas palavras, os rostos dos anjos se animaram com esperança. Desejavam naquele momento, ali mesmo, rodear seu Comandante e dispersar a turba irosa. Mas, de novo a tristeza caiu sobre eles, quando Jesus acrescentou: ‘Como, pois, se cumpririam as Escrituras, segundo as quais assim deve suceder?’ S. Mateus 26:53 e 54”* (HR, p. 211).

No momento de Sua prisão declarou: *“Todos os dias eu estive com vocês, ensinando no templo, e vocês não me prenderam. Mas as Escrituras precisam ser cumpridas”* (Mc 14:49, NVI).

Os profetas ao longo dos séculos predisseram todos estes dramáticos acontecimentos. Porém, *“quem creu em nossa mensagem?”* (Is 53:1, NVI).

Isaías fez uma descrição fascinante desta batalha espiritual: *“Quem é, pois, este que vem de Edom, de Bosrá, com carmesim em suas vestes, inflando o peito sob a sua veste, arcado pela intensidade da sua força? Sou eu, que falo de justiça, que instauro processo para salvar. [...] Em meu coração, era dia de vingança, chegara o ano de executar a minha redenção. Eu olhei: nenhuma ajuda! Fiquei desolado: nenhum apoio. Então o meu braço me salvou e o meu furor foi o meu apoio. Esmaguei os povos, na minha cólera, Eu os embriaguei, no meu furor: o prestígio deles, fiz cair por terra”* (Is 63:1-6, TEB).

As vestes do grande combatente, o *“Descendente da mulher”,* o Filho do Homem, e o *“Príncipe do Céu”,* o Filho de Deus, foram tintas de vermelho, porque o Seu sangue foi derramado, *“a fim de que as justas exigências da Lei (moral) fossem plenamente satisfeitas em nós”* (Rm 8:4, NVI), na Pessoa do Filho do Homem. Cumprindo a justiça exigida, por meio da Sua justiça instaurou o processo para resgatar e salvar pecadores. Naquela memorável batalha, sozinho, contra todas as hostes das trevas, iniciada no horto do Getsêmani, continuando nos julgamentos injustos e mentirosos dos tribunais presididos por humanos e culminando com o Gólgota sangrento, a justiça foi vindicada, o plano da Redenção executado e a vingança contra o autor da rebelião do pecado foi proclamada em triunfante aclamação pelo Universo: *“Como caíste do céu, ó estrela da alva, filho da aurora! Como foste atirado à terra, vencedor das nações!”* (Is 14:12, BJ).

No entanto neste momento decisivo da batalha, *“todos o abandonaram e fugiram”* (Mc 14:50, NVI).

Quando se sentiu só, sem ajuda e sem apoio, então o Seu amor pelo pecador e o ódio contra o pecado, agigantaram a Sua determinação de restaurar o domínio corrompido pela injustiça da temporalidade do pecado, e esmagar a cabeça da serpente, Satanás, condenando-o e destinando-o à destruição eterna.

No momento mais crucial desta luta, ficou sozinho, contra todas as hostes demoníacas, para cumprir o que estava predito pelo salmista Davi, *“Jesus bradou em alta voz: ‘Meu Deus! Meu Deus! Por que Me abandonaste?’”!* (Mt 27:46, Sl 22:1, NVI).

Ele veio para cumprir tudo o que a lei e os profetas determinaram e disseram, e sabia disso. No momento aprazado pediu para os discípulos trazer um jumentinho, para que se cumprisse o que estava predito: fosse aclamado com grande alegria e depois sozinho pisasse o campo de batalha (Zc 9;9 e Lc 19:30-38).

**Morte na hora pré-estabelecida.** Vindo como o Messias, em cumprimento das leis: moral, cerimonial, sacerdotal e civil, a morte de Jesus ocorreu no exato momento definido pelo eterno conselho da Trindade, quando o plano da salvação foi estabelecido. Era a hora em que o sacrifício da tarde estava começando a ser preparado. *”Ao irromper dos lábios de Cristo o grande brado: ‘Está consumado’, oficiavam os sacerdotes no templo. Era a hora do sacrifício da tarde. O cordeiro, que representava Cristo, fora levado para ser morto. Trajando o significativo e belo vestuário, estava o sacerdote com o cutelo erguido, qual Abraão quando prestes a matar o filho. Vivamente interessado, o povo acompanhava a cena. Mas eis que a terra treme e vacila; pois o próprio Senhor se aproxima. Com ruído rompe-se de alto a baixo o véu interior do templo, rasgado por mão invisível, expondo aos olhares da multidão um lugar dantes pleno da presença divina. [...] Tudo é terror e confusão. O sacerdote está para matar a vítima; mas o cutelo cai-lhe da mão paralisada, e o cordeiro escapa. O tipo encontrara o antítipo por ocasião da morte do Filho de Deus. Foi feito o grande sacrifício. Acha-se aberto o caminho para o santíssimo. Um novo, vivo caminho está para todos preparado. Não mais necessita a pecadora, aflita humanidade esperar a chegada do sumo sacerdote. Daí em diante, devia o Salvador oficiar como Sacerdote e Advogado no Céu dos Céus”* (DTN**.** p. 756, 757).

O diabo empenhou-se com todas as forças e artimanhas para induzir Jesus a pecar ou de alguma forma levá-Lo à morte antes ou depois da “hora” determinada pelo ritual do santuário, marcada no relógio de Deus: *“Satanás dirigia a cruel massa nos maus tratos ao Salvador. Era seu desígnio provocá-Lo, se possível, à represália, ou levá-Lo a realizar um milagre para Se libertar, frustrando assim o plano da salvação. [...] Grande foi a ira de Satanás, ao ver que todos os maus tratos infligidos ao Salvador não Lhe forçaram os lábios a soltar uma só queixa. Embora houvesse tomado sobre Si a natureza humana, era sustido por uma força divina, e não Se apartou num só ponto da vontade do Pai [...])”* (DTN. p. 734, 735. (Destaque acrescentado).

Quando Jesus deu o brado: *“Está tudo consumado”,* teve a absoluta certeza de que tudo estava concluído como fora definido na eternidade, tipificado no santuário e predito pelos profetas.

*“Posto que Ele tivesse tomado sobre Si a natureza do homem, foi sustentado por uma divinal fortidão, e não se afastou na mínima coisa da vontade de Seu Pai”* (HR, p. 219).

*“Jesus não entregou Sua vida até que tivesse cumprido a obra que viera fazer; e exclamou em Seu derradeiro alento: ‘Está consumado!’ Os anjos se alegraram quando estas palavras foram proferidas, pois o grande plano da redenção estava sendo triunfalmente executado. Houve alegria no Céu de que os filhos de Adão pudessem agora, mediante uma vida de obediência, ser elevados finalmente à presença de Deus. Satanás foi derrotado, e sabia que seu reino estava perdido”* (HR, p. 27).

Deste sacrifício, Deus declarou: *“Tenham cuidado da minha oferta, do meu alimento para as minhas ofertas queimadas, do aroma agradável, para me trazer essas ofertas no tempo determinado”* (Nm 28:2, NAA).

Este era o sacrifício contínuo, tipificando a eterna e permanente graça de Deus em favor do pecador. Jesus morreu na hora exata deste sacrifício em cumprimento do que era ensinado pelo ritual do santuário. Ele é o sacrifício da eterna aliança, oferecendo a eterna graça de Deus. Jesus havia declarado no início do Seu ministério qual era a Sua missão e para cumpri-la não podia omitir coisa alguma do que determinavam a lei e os profetas. Mesmo os detalhes dos *“mandamentos menores”,* não foram suprimidos, para *“cumprir toda a justiça”* (Mt 3:15, NAA), para realizar o plano da salvação.

**Cumprindo tudo que estava tipificado e predito.** A falsa expectativa assim permaneceu e alimentou as esperanças dos discípulos e da multidão, até o maior e mais amargo desapontamento com a cruenta batalha da sexta-feira. Com o glorioso amanhecer da ressurreição Jesus mudou o rumo das expectativas: *“Ele lhes disse: ‘Como vocês custam a entender e como demoram a crer em tudo o que os profetas falaram! Não devia o Cristo sofrer estas coisas, para entrar na sua glória?’”* (Lc 24:25, 26, NVI).

Junto à sepultura de Jesus, o anjo que ali estava para comunicar a mensagem da Sua ressurreição, fez uma advertência para as mulheres, em forma de lembrança do ensino de Jesus: *“Quando disse: Importa que o Filho do Homem seja entregue nas mãos de pecadores, e seja crucificado, e ressuscite no terceiro dia”* (Lc 24:7, ARA). Assim como estava predito, fundamentado nos serviços do santuário e nas mensagens dos profetas, assim aconteceu.

Para os discípulos no caminho de Emaús, no entardecer do dia da Sua ressurreição, Jesus declarou: *“Era necessário que se cumprisse tudo o que a meu respeito está escrito na Lei (nómu) de Moisés, nos Profetas e nos Salmos’”* (Lc 24: 44, NVI).

A declaração de Jesus feita no sermão da montanha é muito usada para confirmar a perpetuidade e imutabilidade da lei moral. O argumento é interessante, mas não é o centro da declaração de Jesus. No sermão da montanha, Jesus está expondo os fundamentos espirituais e morais do Seu Reino que veio restabelecer neste mundo. Então declarou que esta Sua missão teve a sua sequência estabelecida na eternidade, foi predita nos serviços da lei do santuário e pelos profetas, e de tudo o que está escrito nenhum ponto de i, absolutamente nada, poderia ser omitido no cumprimento desta missão.

Jesus, o Deus eterno, onipotente, onipresente, onisciente, presciente, conhecendo todo o passado e todo o futuro, desceu a este mundo para assumir a natureza humana e viver como humano, cumprindo cada detalhe escrito determinando a Sua caminhada em direção ao clímax: a cruz. Antes de retornar para o Pai, depois da missão cumprida, declarou que viveu exatamente como estava escrito nas Escrituras, para que tudo recebesse a confirmação de ser verdadeiro e inquestionável a respeito da Sua messianidade.

Nas declarações de Jesus, dizendo que *“sem que tudo haja sido cumprido”,* e, *“era necessário que se cumprisse tudo o que a meu respeito está escrito na Lei (nómu) de Moisés, nos Profetas e nos Salmos’”,* encontramos um fato inédito, inusitado. Os acontecimentos da Sua vida foram determinados na eternidade e escritos séculos, milênios antes de serem vividos. O que significa que os grandes acontecimentos históricos e mesmo detalhes aparentemente de pequena importância da vida de Jesus foram escritos pelos profetas, em suas predições, antes de acontecerem. Depois de acontecidos, tornaram-se a história da Sua vida.

Desde o Seu nascimento *“tudo aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor dissera pelo profeta”* (Mt 1:22, NVI), até a Sua morte e ressurreição, *“era necessário que se cumprisse tudo o que a meu respeito está escrito na Lei (nómu) de Moisés, nos Profetas e nos Salmos”* (Lc 24:44, NVI).

Do Seu nascimento à Sua morte e ressurreição, Jesus nada revogou, mas cumpriu tudo o que está escrito *“na lei (nómon) e nos profetas”* (Mt 5:17).

No sermão da montanha, Jesus declarou a respeito de Sua missão relacionada com tudo o que a lei, “torah”, determinava, tudo o que o ritual do santuário tipificava e tudo o que os profetas predisseram, que nada poderia ser revogado ou suprimido, mas tudo seria cumprido para a realização da missão do plano redentor.

Assim aconteceu em todos os detalhes de Sua vida até a vitoriosa e gloriosa recepção junto ao trono do Deus eterno.

No Salmo 16 é declarado: *“Por isso o meu coração se alegra e no íntimo exulto; mesmo o meu corpo repousará tranquilo, porque tu não me abandonarás no sepulcro, nem permitirás que o teu santo sofra decomposição”* (Sl 16:9 e 10, NVI).

As mulheres, que na madrugada do primeiro dia da semana se dirigiram para o sepulcro com o propósito de depositar especiarias aromáticas sobre o corpo de Jesus, por desconhecer tudo o que está escrito a respeito da Sua missão, tiveram uma decepção e uma incontida alegria, mesmo sem compreender a grandeza do significado do acontecimento: Jesus ressuscitou.

Se este ato predito pelas Escrituras houvesse falhado e as mulheres O tivessem encontrado repousando na tumba, toda a Sua missão teria sido um fracasso completo e não teríamos o cumprimento da predita gloriosa aclamação: *“Abram-se, ó portais; abram-se, ó portas antigas, para que o Rei da gloria entre. Quem é esse Rei da glória? O Senhor dos exércitos; ele é o rei da glória! [Pausa]”* (Sl 24:9 e10, NVI).

Se naquela madrugada Jesus fosse encontrado morto na sepultura onde O depositaram na sexta-feira à tarde e não tivesse ressuscitado, inútil seria a nossa fé, e ainda estaríamos em nossos pecados (1Co 15:17), sem nenhuma esperança, e seriamos *“de todos os homens, os mais dignos de compaixão”* (1Co 15:19, NVI).

No entanto, assim como as cerimônias do santuário tipificavam, na hora do sacrifício da tarde, do cordeiro pascal, depôs a Sua vida sobre o altar como o único e perfeito sacrifício para remover os pecados de todos os que nEle creem. Tal como indicava a alegria da festa das primícias, ressurgiu triunfante e em glória, como *“as primícias dentre aqueles que dormiram”* (1Co 15:20, NVl).

Verdadeiramente é significativa a declaração de Jesus que ilumina e certeza de Sua messianidade: *“Não penseis que vim suprimir a Lei (nómon) ou os profetas: não vim suprimir, mas cumprir. Pois em verdade eu vos declaro, antes que passem o céu e a terra, não passarão da lei (nómon) um i nem um ponto do i, sem que tudo haja sido cumprido”* (Mt. 5:17 e 18, TEB).

**Sem culpa, mas condenado.** Ainda analisando a esclarecedora declaração de Jesus em Seu sermão proferido na montanha, observemos outros detalhes que tiveram cumprimento confirmando a certeza de Sua missão.

Jesus foi julgado e condenado, pela lei civil romana. No entanto, um detalhe impressiona de que nenhum um ponto do i poderia ser omitido no cumprimento da lei. Por cinco vezes, *“disse Pilatos aos principais sacerdotes e às multidões: Não vejo neste homem crime algum”* (Lc 23:4, ARA), ou expressão similar; 2ª: v. 14; 3ª: v. 22, Mt 27:23 e Mc 15:14; 4ª: Mt 27:24; 5ª: Jo 19:4). Perante a lei civil romana Jesus é declarado justo e inocente.

A mulher de Pilatos enviou-lhe uma mensagem: *“Não se envolva com este inocente [...]”* (Mt 27:19, NVI). O centurião romano, que comandou a execução, reconheceu com profunda emoção: *“Certamente este homem era justo”.* E: *“Verdadeiramente este era o Filho de Deus”* (Lc 23:47 e Mt 27:54, NVI). Sete vezes Jesus é declarado inocente, sem culpa, e no momento de Sua morte é reconhecido como o Filho de Deus, o sacrifício da graça do Deus justo e amoroso, para cumprir a justiça exigida contra o homem culpado. João Batista anunciou Jesus como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, e pelo centurião romano a morte de Jesus foi reconhecida como o sacrifício de Deus em favor do pecador, como uma dádiva e não como uma condenação.

O Seu sacrifício teria de ser perfeito, sem uma única mancha de culpa. Ele não poderia ser condenado e morrer como culpado, porque então, não seria o sacrifício perfeito e não poderia pagar o preço do resgate pelo pecador. Ele entregou a Sua vida como o Filho do Homem, porque nenhum outro nome é dado entre os anjos e os homens que pudesse tornar real a salvação.

Para tornar real a salvação era inquestionável cumprir a lei das cerimônias, o plano da salvação tipificado; cumprindo a justiça da lei moral *“a fim de que as justas exigências da Lei fossem plenamente satisfeitas em nós”* (Rm 8:4, NVI), na Pessoa do Filho do Homem.

Na morte de Jesus, a sentença da lei moral foi cumprida, porém, a lei, não foi abolida. Na morte de Jesus a lei cerimonial do substituto típico foi cumprida na morte do Substituto real, antitípico, declarando sem valor a morte e ação do animal substituto típico

Ele morreu como o Filho do Homem cumprindo as *“as justas exigências da Lei”* moral, para nos oferecer graça, perdão, justificação, reconciliação e salvação. *“Cristo satisfez as exigências da lei em Sua natureza humana. [...] Cristo se tornou nosso sacrifício e fiador. Ele se tornou pecado por nós, para que nós pudéssemos, através dEle, receber a justiça de Deus. Pela fé em Seu nome, Ele imputa em nós Sua justiça, e ela se torna um princípio vivo em nossa vida”* (O Senhor Justiça Nossa, p. 86, 88).

O que era impossível efetivar pelo ato legal da lei cerimonial, *“porque aquilo que a Lei (cerimonial) fora incapaz de fazer”* (Rm 8:3), tirar os pecados, *“pois é impossível que o sangue de touros e bodes tire pecados”* (Hb 10:4, NVI), porque os sacrifícios oferecidos repetidamente *“nunca podem remover os pecados”* (Hb 10:11, NVI), *“Deus o fez, enviando seu próprio Filho, à semelhança do homem pecador, como oferta pelo pecado. E assim condenou o pecado na carne, a fim de que as justas exigências da Lei (moral) fossem plenamente satisfeitas em nós”* (Rm 8:3 e 4, NVI).

O ato da justa sentença da lei moral executado em Jesus, que veio ao mundo *“à semelhança do homem pecador”* é reconhecido por Deus como *“plenamente satisfeito em nós”,* que somos o transgressor culpado*.*

Se Jesus não cumprisse todos os detalhes da lei, o Pentateuco, os Salmos e os Profetas, não poderia ser o Salvador, porque não seria o Messias tipificado no simbolismo do santuário e predito nas mensagens proféticas.